

throttled - a todo o gás
série dirty air | livro 1
lauren asher

Tradução de Isabel Baptista

*Mãe,
Obrigada por tudo,
incluindo a água benta
com que me vais dar banho depois de leres este livro.*

PLAYLIST



THROTTLED - A TODO O GÁS - LAUREN ASHER



God's Plan – Drake	3:19 +
High Horse – Kacey Musgraves	3:34 +
HUMBLE. – Kendrick Lamar	2:57 +
I Think He Knows – Taylor Swift	2:53 +
Antisocial – Ed Sheeran e Travis Scott	2:42 +
Mixed Emotions – Emily Weisband	2:40 +
Animals – Maroon 5	3:51 +
Bailando – Enrique Iglesias	4:04 +
Torn – Ava Max	3:18 +
Sorry (Latino Remix) – Justin Bieber ft. J. Balvin	3:40 +
Never Be the Same – Camila Cabello	3:47 +
Dusk Till Dawn – Zayn ft. Sia	3:59 +
Locked Out of Heaven – Bruno Mars	3:53 +
Proud – Marshmello	3:11 +
Anywhere – Rita Ora	3:36 +
Die a Happy Man – Thomas Rhett	3:47 +

PRÓLOGO



NOAH

Dois Anos Antes

Inspiro fundo, apreciando o cheiro da borracha e do escape dos motores antes de baixar a viseira do meu capacete. As minhas mãos enluvadas agarram o volante do meu carro de corrida de Fórmula 1 da Bandini e os meus dedos tremem com as vibrações do motor enquanto o *capot* de metal matraqueia. A multidão que assiste ao Grande Prémio de Abu Dhabi explode de entusiasmo quando a equipa me tira os protetores dos pneus. A prova de qualificação de ontem foi bem-sucedida e coloca-me no primeiro lugar da grelha; desde que eu não faça asneira, o título do Campeonato do Mundo vai ser meu.

Uma a uma, as luzes vermelhas iluminam-se por cima de mim, cintilando na pintura vermelha e brilhante do *capot*. Os fãs esperam em silêncio. As luzes apagam-se para assinalar o início do Grande Prémio. Carrego no acelerador e o meu carro dispara pela reta fora antes de chegar à primeira curva. Os pneus derrapam no asfalto, os guinchos dos outros condutores soam atrás de mim. Mas eu fico com visão de túnel na pista. Sou apenas eu e a estrada.

— Noah, quero que saibas que o Liam Zander está atrás de ti, seguido pelo Jax Kingstone e pelo Santiago Alatorre. Mantém o ritmo e toma atenção às curvas — diz a voz do diretor da equipa através do rádio no meu capacete.

Mantenho-me na defensiva para conservar a minha posição, dificultando que alguém consiga ultrapassar o meu carro nas curvas. O zumbido do motor enche-me de euforia enquanto acelero por outra reta a mais de trezentos e vinte quilómetros à hora. Os fãs gritam quando passo por eles. O meu pé carrega no travão segundos antes de fazer outra curva, com os pneus macios a guincharem no asfalto. Música para os meus ouvidos.

As primeiras voltas da corrida decorrem sem problemas. A adrenalina

corre nas minhas veias quando o carro do Liam surge ao lado do meu numa das curvas, com a sua característica pintura cinzento-aço a brilhar sob o sol do deserto. O seu motor ruge. Faço uma manobra arriscada, carregando no travão uns segundos mais tarde do que o recomendado para uma curva. O metal estremece quando os pneus do lado direito se levantam do chão, antes de voltarem a bater no asfalto. Liam desvia-se, incapaz de me ultrapassar, enquanto o meu carro avança a toda a velocidade.

— Isso foi uma curva arriscada — diz um mecânico pelo rádio. — Tem lá calma, ainda tens mais cinquenta e duas voltas para dar. Não há razão para te armares em carapau de corrida.

Acho graça ao conselho. Depois de uma época extenuante a enfrentar o Liam, o Santiago e o Jax, tenho um último Grande Prémio entre mim e a vitória no Campeonato do Mundo.

— O Santiago meteu-se à frente do Liam na última curva. Não o subestimes, ele quer a vitória — mais vozes ecoam pelo rádio.

Por falar no diabo, o carro azul-escuro do Santiago aparece no meu espelho lateral. Abano a cabeça quando o meu carro faz mais uma curva. Ele está a agir como um puto de merda que se quer exibir demasiado, tentando ganhar fama na sua equipa e no circuito da Fórmula 1. As suas capacidades são decentes para um novato, mas o facto de se ter safado demasiadas vezes por uma unha negra durante esta temporada deixa-me hesitante em permitir que se aproxime.

O sacana vem-se pôr mesmo ao pé da minha asa traseira, encurtando a distância entre os nossos carros — sem pensar na série de curvas apertadas que se aproxima. O meu coração bate aceleradamente. As minhas mãos cerram-se sobre o volante e eu respiro fundo algumas vezes. Inspira, expira — cenas de ioga. Não vou desistir do meu primeiro lugar, não tenho nenhum interesse em deixar o Santiago ultrapassar o meu carro. O pavimento cinzento torna-se indistinto. Na reta seguinte, Santiago encosta-se ao meu lado, com as nossas rodas quase a tocarem-se. Apenas a alguns centímetros de distância.

Ambos os motores disparam quando os aceleradores atingem o seu máximo. Faço um esforço para voltar ao primeiro lugar na curva seguinte, com a minha asa dianteira quase a roçar a dele.

Foda-se.

Em vez de o Santiago se afastar, ele ainda acelera mais. *Idiota do caraças.*

Toda a situação acontece em câmara lenta, como num filme, a passar *frame a frame*. E eu, como um espectador impotente. O diretor da equipa da

Bandini grita-me ao ouvido para abrandar, mas o som do metal a amachucar diz-me que já é tarde demais.

O carro do Santiago entra em contacto com o meu a cerca de trezentos quilómetros por hora, um embate catastrófico do qual não vou conseguir recuperar. Praguejo quando as rodas do meu carro se levantam do chão e saio disparado pelo ar. Estou a voar, porra, antes de tocar na estrada.

O meu carro capota duas vezes e arrasta-se pelo pavimento, com faíscas a voar à volta da minha cabeça e cimento à distância de um dedo. Dou graças ao caraças do halo protetor. O som estridente do aço a raspar fere-me os ouvidos até o carro deixar de se mexer. Respirações irregulares saem-me dos pulmões, passando pela minha garganta apertada.

— Noah, estás bem? Algum ferimento? A equipa de segurança está a caminho.

— Negativo, não estou ferido. Aquele monte de merda bateu-me, caraças, deu-me um porradão como se fosse um carrinho de choque. — A raiva invade-me perante o disparate do Santiago. Tenciono enfiar-lhe um murro assim que ele entrar na Sala de Arrefecimento depois da corrida. Tirar-lhe aquele sorriso de menino bonito das fuças.

— Oh, merda! Noah, segura-te!

Um arrepio percorre-me a espinha. Incapaz de me mexer, com o meu corpo encurralado, fico imóvel enquanto o carro de Jax dá uma guinada antes de embater no meu, porque a curva de há pouco me deixou vulnerável a outra pancada. *C'um caraças*. O meu corpo estremece e a minha cabeça bate dolorosamente contra o encosto de cabeça enquanto os nossos carros rodopiam sem controlo. A pancada sacode-me e o meu corpo dói-me de uma forma que eu não pensava ser possível.

Posso dizer adeus à minha vitória no Campeonato. Tudo graças ao Santiago e à sua estupidez, fazendo uma manobra que não devia para ganhar segundos de avanço. Foi uma imprudência da porra. A minha cabeça fica enevoada quando a adrenalina se esgota e o meu corpo cede à dor.

— Vai-te foder, Santiago. Aproveita a tua vitória no Campeonato, porque vai ser a última. — Estou-me nas tintas para os que estão a ouvir a rádio da minha equipa. Que os fãe e ele fiquem a saber que eu odeio aquele gajo. O Santiago bem que se pode armar em bom agora, mas eu ainda lhe vou dar o troco. O parvalhão desencadeou uma guerra que não vai ganhar.

Manchas negras enevoam a minha visão; o facto de estar de cabeça para baixo e de ter sido atingido duas vezes é demasiado para o meu corpo aguentar. Estou completamente impotente enquanto a equipa de segurança

trata de colocar o meu carro a direito. Estou a ferver num mau humor tóxico, batendo com as mãos no volante ao ritmo das marteladas do meu coração.

Grunho aos paramédicos que verificam se há ferimentos. O meu corpo acaba por ser aprovado, sem nada a assinalar, à exceção de um ego ferido e de uma tensão arterial nos píncaros. A equipa de segurança deixa-me novamente nas instalações da Bandini e eu passo a correr pela equipa das *boxes*, nada interessado nas amabilidades nem nas falsas palmadinhas nas costas, a dizerem-me que vai ficar tudo bem. Não quero ouvir as pessoas a dizerem que vou ganhar o Campeonato no próximo ano.

Subo os degraus até à minha suíte, a dois e dois, preparado para quem está à minha espera atrás daquelas portas. Os meus pulmões ardem por ter respirado fundo. Porra, foram antes umas dez respirações, inspira e expira, um ritmo que finalmente me acalma.

Abro a porta e encontro duas pessoas que preferia não ver tão cedo. De preferência nos próximos dez anos, mais coisa menos coisa. O meu pai anda de um lado para o outro pela pequena suíte, com os seus ombros largos a dominarem o espaço e o peito a arfar ao ritmo dos seus pés. O seu cabelo escuro parece desalinhado, ao contrário do que é costume, e os seus olhos azuis e profundos estreitam-se para mim. A minha mãezinha querida está instalada num sofá cinzento. Os seus olhos gelados não se cruzam com os meus, porque ela está a olhar para as suas unhas. Com os cabelos loiros perfeitamente arranjados, o seu corpo está em pose, encostado às almofadas, como a modelo que já foi. Felizmente para ela, cravou as suas garras no meu pai e conseguiu o prémio máximo de ter um filho com um piloto famoso da Fórmula 1. E acertou no *jackpot* do ADN, com um filho que rivaliza com o homem com quem casou.

Uma família e peras, não é? Um historial retorcido e mutilado de aniversários ignorados, feriados não celebrados e bancos vazios na maioria das corridas de Fórmula 1. A única razão pela qual ambos assistiram a este Prémio foi porque o meu pai queria reviver recordações, enquanto a minha mãe mostrava aos seus amigos como a vida é fantástica para alguém que deu à luz uma estrela das corridas. Nenhum deles veio por minha causa.

— Mas que raio foi aquilo? — A voz do meu pai raspa-me na pele como uma faca. Os seus olhos penetrantes cravam-se nos meus, à procura de algum sinal de fraqueza. Ele tem um ar permanentemente enjoado, com rugas a marcar-lhe a pele mais fina junto aos olhos. Infelizmente para mim, sou parecido com ele. Cabelo escuro e ondulado, olhos azuis que desafiam o oceano das Caraíbas, e uma estatura alta que me deixa ao nível dele.

Levo a mão ao meu fato de corrida.

— Bem, mas que merda. Alguém me disse que eu estava a conduzir numa equipa de topo da Fórmula 1, mas se calhar não devia ter acreditado...

— Alguém me disse que era suposto seres Campeão do Mundo este ano, mas se calhar não devia ter acreditado — replica a voz do meu pai.

Ah, aí está a víbora que todos conhecemos e odiamos. Sabem, é que o meu pai pode ser uma lenda para toda a gente na comunidade da Fórmula 1, mas para mim ele é uma cobra saída diretamente das profundezas do inferno. Uma cobra enviada pelo próprio Diabo. Um homem venenoso que não faz mais do que repreender-me, financiando a minha carreira com o agradável bónus de me deitar abaixo sempre que tem oportunidade. Mas à frente das outras pessoas, ele age como um pai carinhoso que apoia a minha carreira nas corridas, tanto financeira como emocionalmente. Ele podia ganhar um Óscar para Melhor Parvalhão Secundário.

— Tens medo de que eu desafie os teus três títulos? Pensei que ficasses contente por eu ficar na tua sombra, sempre a tentar alcançar o *lendário* Nicholas Slade. — O desprezo tinge a minha voz.

Ele encurta a distância entre nós e agarra-me como nos bons velhos tempos. Os seus punhos cerram-se sobre o meu fato de corrida e os seus olhos mal escondem a raiva que fervilha dentro de si. Posso perceber que ele se debate entre dar-me porrada ou agredir-me apenas verbalmente.

Reviro os olhos, fingindo indiferença, apesar de ter o coração aos pulos no meu peito.

— A tua previsibilidade aborrece-me. O que é que vais fazer? Dar-me umas chapadas para me lembrares até que ponto és um sacana? — A minha voz mantém-se firme.

O meu pai e eu temos uma história tumultuosa, na melhor das hipóteses. Os primeiros três anos da minha vida foram divertidos, mas desde que comecei a fazer corridas de *karting*, acabou-se. É irónico como os melhores anos da minha vida se tornaram os piores. O pai que me levava ao parque para andar de bicicleta ou jogar à bola desapareceu. Ele foi piorando a cada ano que passava, quando tudo o que eu queria era agradecer-lhe, esforçando-me para me tornar um dos melhores pilotos de *karts*. A seguir vieram as etapas da Fórmula, sempre à procura do seu amor e da sua aprovação à custa da minha infância. Desesperado por qualquer coisa que pudesse acabar com os seus rituais privados. Os fãs não conhecem o meu verdadeiro eu, as merdas com que lidei para impressionar o meu pai, as tarefas semanais que recebia se me classificasse abaixo do primeiro lugar. O meu cu nunca conheceu um cinto de que gostasse.

As chapadas transformaram-se em murros que evoluíram para agressões verbais quando atingi a altura dele. O meu pai despojou-me da minha infância às custas da minha humanidade. Porque para sobreviver ao pior deles, acabamos por nos tornar como eles.

Olho fixamente para os olhos do meu pai e vejo o monstro que fez de mim o que eu sou. Ele realizou o seu desejo. Para lhe agradecer e para me proteger, tornei-me em tudo o que ele é, exceto andar por aí a bater nas pessoas. Sou um idiota com muralhas mais altas do que a porra do Grand Canyon.

Ele encara-me com desprezo, rosnando as suas palavras contra os dentes cerrados.

— Perdi milhares por causa da tua prestação de merda ali fora. Parabéns pelo segundo lugar. Pensa como vai ser a sensação de teres desperdiçado um ano inteiro da tua vida. Não podes viver na minha sombra quando nem mereces respirar o mesmo ar que eu.

A raiva dele não perturba minimamente a minha mãe, que fica ali sentada a observar-nos com uns olhos frios e mortos, tal como a sua personalidade. Um inútil desperdício de espaço, que só desempenha o papel de mãe quando lhe convém. Ela opta por fechar os olhos sempre que ele fica assim, com uma indiferença evidente no seu olhar vazio. Honestamente, eu até me esqueceria de que ela fala, se não fosse quando me telefona a pedir bilhetes exclusivos e passes para os bastidores.

— Então é melhor afastares-te. Não deves querer estar perto de mim, porque ouvi dizer que ser um falhado é contagioso. — Agarro-lhe as mãos e empurro-o para longe de mim. Ele não recua, mantendo os seus olhos nos meus com um ar de desdém.

— És um falhado desde que nasceste. Só chegaste até aqui graças a mim e aos meus investimentos, porque mais ninguém teria patrocinado um banana como tu. Um fedelho arrogante que se armava em durão, quando na verdade chorava na almofada durante a noite porque a mãe não lhe dava mimos e o pai lhe dava porrada todas as semanas.

Encolho os ombros, a tentar parecer indiferente. Por dentro, o meu sangue está a ferver e o nervosismo sobe-me pela espinha acima, na esperança de nos pegarmos à pera — uma herança genética azarada que este homem me legou.

— Bolas, pai, desculpa. Queres limpar as lágrimas com umas notas de cem dólares? Que desilusão criar alguém que já tem três títulos de Campeão do Mundo.

— A desilusão não foi criar-te. Foi ver a criatura patética que te tornaste. Aproveita a tua comemoração do segundo lugar. Sei que para mim já lá vão

uns anos, mas consta-me que a vista do primeiro lugar do pódio é a melhor — e lança-me um sorriso maldoso antes de se afastar.

Porra de xeque-mate.

CAPÍTULO UM



MAYA

Maya Alatorre, licenciada em Ciências da Comunicação. O orador anuncia a minha licenciatura em Inglês e em Espanhol. Os meus pais e o Santi sorriem para mim dos seus lugares ao lado do palco, acenando com cartazes, entre os outros pais dos licenciados da Universitat de Barcelona. Seguro a folha de papel mais valiosa que já tive nas mãos, com a sua textura áspera debaixo dos meus dedos, a recordar-me os meus esforços para me ter licenciado hoje.

Volto a sentar-me no meio do mar de estudantes vestidos com batas de poliéster baratuchas. Depois de alguns discursos, colocamos as nossas borlas para o lado, o que significa o fim dos nossos dias na universidade. Cinco anos extenuantes e duas mudanças de curso depois, posso dizer com alegria que me formei. Acontece que eu não era talhada para um curso de biologia; desmaiei durante uma dissecação em laboratório, quando o meu colega abriu a barriga de um leitãozinho. E o curso de Direito também não me correu lá muito bem; vomitei num caixote do lixo próximo durante o meu primeiro debate, desistindo antes de as perguntas começarem. As pessoas considerariam estes recomeços como fracassos, mas eu acho que eles desenvolveram o meu carácter. Isso e a minha resiliência quando faço asneira.

Foram precisos dois estágios para descobrir o meu interesse pelo cinema e pela produção. Acabo de me juntar à estatística dos desempregados pós-licenciados, porque encontrar emprego no cinema é muito mais difícil do que eu pensava.

A minha família vem ter comigo lá fora e somos acolhidos pelas vistas de Barcelona, enquanto o ar fresco de dezembro roça a minha pele, que está mal

protegida pela roupa barata de finalista. Damos todos um abraço de grupo antes de me tirarem fotografias. Recebo um monte de felicitações e de beijos, juntamente com um envelope do meu irmão Santiago.

— Para a licenciada. Demoraste bastante tempo — faz-me um sorriso antes de bater no cimo do meu chapéu.

Somos parecidos mas diferentes, graças a Deus. O cabelo escuro e espesso combina com os nossos olhos castanho-claros, as pestanas compridas e a pele cor de azeitona. As nossas semelhanças ficam-se por aqui. O Santi herdou o gene da altura de um parente distante, enquanto eu parei de crescer no oitavo ano. Ele tem uma barbicha de uma semana e um sorriso pateta, enquanto eu prefiro um sorriso mais malicioso que combina com o brilho dos meus olhos. Ele faz exercício sete dias por semana, enquanto eu considero que subir as escadas para ir para as aulas é o meu exercício diário.

O telemóvel do Santi toca e ele afasta-se para atender.

A minha mãe põe-me em pose e tira mais fotografias. Ela e eu somos parecidas, com olhos cor de mel, baixa estatura e cabelo com ondas e volume suficientes para estar numa lindeza quando acordo.

— Estamos muitíssimo orgulhosos de ti. Os nossos dois meninos estão a fazer coisas boas neste mundo — diz a minha mãe enquanto me tira uma fotografia a revirar os olhos. O sotaque dela tem um tom arrastado, fruto de ter aprendido inglês com os hóspedes do hotel onde trabalha.

Gemo quando ela me dá uma grande beijoca na bochecha, deixando uma marca do seu batom.

O meu pai resmunga que ela tem de me começar a tratar como uma mulher adulta. Quem haveria de dizer que agora passei a ser considerada adulta e com maturidade, apenas por atirar o chapéu da formatura ao ar. O sorriso dele enrugam os cantos dos seus olhos castanhos quando olha para mim. Tem um cabelo espesso que compete com o do meu irmão, uma barba curta e uma figura esguia. O Santi parece uma versão mais jovem e mais musculada do nosso pai.

— Quem quer ir jantar? — diz o meu pai a esfregar a barriga.

O Santi vem novamente ter connosco, com um ar mais pálido do que o habitual. Chega-se a mim e sussurra-me ao ouvido:

— Desculpa lá isto. Mas eles vão ficar lixados se vierem a saber por outra pessoa que não seja eu.

Levanto os olhos para ele, sem perceber porque é que está a pedir desculpa.

O Santi respira fundo antes de abrir um sorriso.

— O meu agente acabou de me dizer que a Bandini me ofereceu um contrato para a próxima temporada.

C'um caraças.

O Santi não precisa da minha animação porque acaba de arrebatat a festa toda.

Pouso o batido verde do Santi em cima da mesa ao lado do seu banco de exercícios. Um mísero decilitro e meio de sumo que faz troça de mim, a prova de que não me deveria nem aproximar de uma cozinha num futuro próximo. Especialmente porque o líquido verde continua a pingar do teto. Mas que porcaria. É tudo muito giro e muito fácil até me esquecer de pôr a tampa na liquidificadora, deixando o conteúdo esparrinhar por todo o lado, incluindo pelo meu cabelo e pela minha roupa.

— Não preciso que me andes a apaparicar constantemente. Devias estar a divertir-te porque não vamos voltar a casa durante algum tempo — grunhe enquanto levanta um peso acima do peito.

— Quero tornar-me útil, para não me sentir como se me estivesse a aproveitar de ti para ter um sítio grátis onde ficar — mexo as mãos com nervoso miudinho enquanto ele conta os levantamentos e as suas expirações profundas preenchem o silêncio.

Os aparelhos sofisticados brilham sob as luzes do teto, um testemunho do seu compromisso com a Fórmula 1. A sua nova casa é muito diferente do quarto que partilhávamos quando eramos miúdos. Esta moradia nova tem seis quartos, um ginásio pessoal, uma mini sala de cinema e uma piscina olímpica. Uns impressionantes quinhentos e cinquenta metros quadrados.

— O dinheiro já não é uma preocupação — suspira ele.

— Eu sei, eu sei. Mas eu quero fazer a minha própria carreira, porque não posso viver à tua sombra para sempre. — A minha mão está cheia de comichões para retorcer uma madeixa do meu cabelo, mas resisto àquele tique nervoso.

Acho que nunca me vou esquecer de como a conta bancária dele tem um número ridículo de zeros. O seu primeiro ordenado da Fórmula 1 pagou a minha faculdade na totalidade. Sem hesitações. O Santi nem pestanejou quando assinou o cheque, como se contasse sustentar a nossa família toda agora que é bem pago, o que não pode estar mais longe da verdade. Nós apreciamos tudo o que o Santi faz. O facto de ele querer ajudar em tudo o

que puder vem de um sentimento com significado, não de um sentido de obrigação.

Quando éramos mais novos, os nossos pais tinham dois empregos para poupar cada cêntimo para a carreira do Santi nas corridas. O meu pai reparava *karts* como trabalho paralelo, enquanto a minha mãe limpava casas aos fins de semana. Ao contrário da maioria dos miúdos ricos da Fórmula 1, os meus pais são da classe média — quando conseguem um bom ordenado. Santi ganhou fama sem um apoio financeiro nem um *pedigree* famoso. Finalmente arranjou patrocinadores que acreditam nele e nas suas capacidades, o que torna a vida mais fácil e as corridas muito mais divertidas.

— Quero que venhas às minhas corridas nesta temporada. Podes aproveitar este ano para pensares no que queres fazer a seguir. Além disso, vai ser divertido porque é a nossa oportunidade de finalmente viajarmos juntos — lança-me um sorriso pateta por detrás dos seus halteres.

O Santi vai viver a sua fantasia de ser um piloto de Fórmula 1 de topo com a Bandini — a melhor equipa do desporto. Conduzir para eles é o sonho do meu irmão tornado realidade. Não hesitei em dizer que sim quando ele me pediu para o acompanhar, porque o meu irmão mais velho é basicamente uma superestrela. A revelação bombástica que ele fez na minha licenciatura, há umas semanas, foi dolorosa, mas eu ultrapassei isso porque ele tinha uma razão válida para não querer que viéssemos a descobrir através dos *paparazzi*. Ao contrário de outros irmãos, eu não me importo de partilhar as luzes da ribalta.

— A ideia é essa. A tua assistente enviou-me todas as informações sobre as viagens e as reservas.

Logo à partida, soa estranho dizer que ele tem uma assistente. É ela que gere todos os seus compromissos, que verifica os seus alojamentos nos hotéis, que se certifica de que ele tem as suas compras semanais e que agenda os patrocínios.

— Vais levar a câmara que eu te comprei?

Não faço ideia de como retribuir a sua generosidade, especialmente com presentes tão caros. Ele continua a comprar-me coisas, apesar de já ser ele a pagar tudo. Ultimamente, debato-me entre sentimentos de culpa e de gratidão.

— Sim, obrigada mais uma vez. Já tenho tudo preparado e estou desejosa de fazer um *vlog*. Já comprei um tripé portátil para filmar as cenas da Fórmula 1 — sorriu para ele.

Ele não perde o ritmo, levantando o peso por cima do seu peito enquanto continua a conversar.

— Mal posso esperar para ver os vídeos, assim que começares a filmar. E já tens as tuas coisas todas na mala?

— Sim, papá, já preparei tudo há dois dias, como tu disseste — reviro os olhos.

Ele ri-se e os seus olhos amendoados olham para os meus.

— Espero não ter de aturar essa atitude durante toda a temporada. Não consigo acompanhar as tuas hormonas de adolescente.

— És um ano mais velho do que eu. Tem lá calma com isso da *adolescente*. Qualquer questão hormonal já é coisa do passado. Eu tenho vinte e três anos, não tenho quinze.

O corpo dele estremece. *Ótimo. É o que ele ganha por não pensar bem nas suas palavras.* Ele precisa de ter cuidado com o que diz, uma vez que as equipas de filmagem o vão seguir a toda a hora.

Levanta-se e limpa o equipamento do ginásio, porque é esse o tipo de pessoa que ele é: arrumado, organizado e responsável. E as pessoas respeitáveis limpam o seu equipamento de treino, certificando-se de que colocam tudo no seu devido lugar, enquanto as pessoas como eu começam logo por nunca entrar num ginásio.

Enquanto o Santi é fiável e seguro, eu tenho tendência para ter boas intenções, mas muitas vezes dificuldades em colocá-las em prática. Respeito as opções de vida do meu irmão, mas neste momento estou numa fase de transição. Por isso vou viajar pelo mundo, aprender mais sobre mim própria e crescer. A nossa família sabe que vou ter de acabar por me orientar. E de certeza que vou conseguir. Mas, tal como um bom vinho, estou a levar algum tempo.

O meu *tempo* inclui bebericar bebidas junto à piscina enquanto o Santi vai competir por todo o mundo em vinte e uma corridas diferentes. Não, eu estou a brincar. Tal como qualquer europeu decente, eu adoro a Fórmula 1, o que significa que vou torcer por ele em cada etapa do caminho — ou em cada rotação dos pneus. Mas vocês percebem o que eu quero dizer.

O meu irmão e eu fazíamos tudo juntos enquanto íamos crescendo. As suas corridas de *kart* era o que todos nós fazíamos como atividade familiar, e ninguém ficou admirado quando ele se tornou um piloto de Fórmula 1 — tudo isto com a idade de vinte e um anos, um recorde mundial. Não consigo imaginar a satisfação que o Santi sente ao saber que a Bandini se apercebeu do seu potencial e quer aproveitá-lo. O seu novo contrato é a confirmação dos esforços de toda a sua vida na comunidade das corridas, representando um novo capítulo na sua carreira de piloto.

Basicamente, o meu irmão mais velho tem o talento e a motivação.

É na sala de musculação do Santi que eu lhe faço uma promessa:

— Juro solenemente que me vou portar bem.

O seu sobrolho franze-se.

— Acabaste de me citar o *Harry Potter*?

— Nem por isso. Mudei a frase, portanto é toda minha.

Ele faz-me um sorriso irónico.

— Saíste-me uma boa peça...

Oh, meu querido maninho, como se nós não soubéssemos já...

Os nossos pais aparecem uma hora mais tarde para o jantar de domingo. O cheiro da *paella* caseira da nossa mãe invade-me o nariz e a sangria molha-me a língua. Eles fazem sorrisos rasgados quando eu e o Santi lhes contamos que tenciono acompanhá-lo durante a temporada das corridas, a transbordarem de orgulho e de felicidade.

— Todos os teus esforços valeram a pena, incluindo aqueles longos dias nas pistas de terra antes de passares para as grandes ligas nas divisões da Fórmula. Apreciamos todos os sacrifícios que tu fizeste, incluindo na escola — e o meu pai levanta o copo antes de tomar um golo da sua bebida.

Os nossos pais gostam de manifestar o seu apreço por tudo o que Santi tem feito desde que obteve o seu fantástico contrato com a Bandini, incluindo o pagamento do resto da hipoteca deles, a criação de uma conta poupança para eles e o facto de lhes ter pago umas férias. Mais atos altruístas da parte dele. Sinto-me invadida por uma incontrollável pontada de ciúmes por causa da sua capacidade de cuidar da nossa família. A incerteza de nunca vir a estar à altura dele deixa-me intimidada. O sucesso dele deixa-me feliz — não me interpretem mal —, mas fico nervosa com a hipótese de nunca vir a realizar nada que se aproxime da sua grandeza.

— Mal podemos esperar para visitar a Bandini quando competires em Barcelona, na tua corrida em casa. — A minha mãe bate palmas, um gesto que tenho tendência a copiar. Os seus olhos brilham sob o lustre da sala de jantar do Santi, com o seu cabelo castanho a envolvê-la.

— E eu mal posso esperar para voltar a competir em Espanha — responde o Santi a sorrir para os nossos pais. — As corridas em casa são as mais importantes para os pilotos.

Todos nós brindamos com os nossos copos às palavras do meu irmão.

— Ainda bem que tu vais com ele para lhe fazeres companhia. De certeza que andar em viagem deve ser muito solitário. Além disso, tu vais ter o teu *vlog* — diz a nossa mãe entre uma garfada e outra.

Adoro-a por me incluir na conversa. Ela apoia todo o meu processo, enviando-me diferentes artigos e vídeos a respeito de como me promover a mim mesma e conquistar um público.

Eu não tenciono andar sempre atrás dele em cada país, porque isso é foleiro. As minhas ideias têm importância para mim, mas os *vlogs* não se podem comparar a conduzir os carros mais rápidos e mais caros do mundo.

— Vou poder filmar tudo porque o Santi me comprou uma câmara. Espero poder ir conhecendo pessoas pelo caminho e fazer contactos, porque quero manter-me ativa enquanto ele estiver ocupado — levanto a cabeça, exalando uma confiança que neste momento não sinto inteiramente.

— Estamos muito contentes por tu ires com ele. A tua mãe e eu preocupamo-nos contigo e esperamos que encontres o teu caminho. Trata de usar esse diploma em Comunicação em todo o seu potencial. — O meu pai passa a mão pelo seu cabelo grisalho. Ele tem boas intenções e, como o meu historial não é dos melhores, não o posso censurar por isso. A dúvida entranha-se nos meus ossos com o seu comentário, mas trato de a afastar.

— O Santi tem a sorte de a sua vida se estar a desenrolar como ele queria. Ele é uma estrela aos vinte e quatro anos. Eu só tenho vinte e três, o que significa que ainda tenho o mundo à minha frente — lanço um sorriso aos meus pais, ignorando a sensação de pânico que me invade, com a ideia de os desapontar.

— Eu voltei a falar com a Maya sobre algumas regras básicas; para a manter longe dos sarilhos, estão a ver? Deus me livre de a encontrar bêbeda e a chorar no chão de uma casa de banho ao som de uma canção dos Jonas Brothers.

Atiro o meu guardanapo de pano ao Santi.

— Isso só aconteceu uma vez! Era o meu aniversário e eles tinham acabado de anunciar que iam voltar a juntar-se. Eu estava altamente emotiva, está bem? Os sentimentos caíram-me em cima todos de uma vez, ali mesmo, enquanto lavava as mãos.

Toda a gente se ri à mesa.

— E eu disse-lhe para não passar a câmara para a mão de estranhos, por causa do último incidente. — Os olhos do Santi brilham de divertimento.

Contenho a vontade de revirar os olhos.

— Como é que eu podia esperar que um tipo qualquer fugisse com o meu telemóvel quando lhe pedimos para nos tirar uma fotografia? Quem é que faz isso? Vai contra todos os códigos de ética alguma vez escritos. — Para ser sincera, algumas situações são consequência de eu estar no sítio errado à hora errada, e de confiar numa pessoa duvidosa.

— Pessoas sem moral, é o que é. Deves ter cuidado com esse tipo de pessoas quando estiveres fora. As pessoas precisam de ir mais à igreja — e a minha mãe faz o sinal da cruz, por precaução.

Só mesmo a minha mãe para achar que a religião resolve tudo. *Coitada.*

Aprecio o resto do jantar com a minha família, aliviada quando a conversa se desvia de mim. Ninguém percebe como é difícil estar à altura de tudo o que o meu irmão faz. Não é que eu queira, mas ainda assim o Santi deixa atrás de si pegadas colossais que nem todo o meu corpo conseguiria preencher. Mas eu quero pôr o negativismo de lado e aproveitar as viagens que planeámos.

Porque sabem o que é pior do que queixarmo-nos do nosso irmão mais velho?

É queixarmo-nos de um irmão mais velho que é tão perfeito como o caraças o tempo todo.

CAPÍTULO DOIS



NOAH

Ponho uma almofada por cima da cabeça para tapar a luz que entra pela janela. Os lençóis agitam-se ao meu lado e uma mão morna encontra a minha gaita por baixo dos cobertores.

— OK, esta é a altura de agarrares nas tuas coisas e de te ires embora — aponto para a porta enquanto o meu outro braço segura a almofada por cima da minha cara. *Por favor, não armes discussão.*

— Estás a correr comigo da cama enquanto a minha mão está na tua picha? Fizemos sexo há três horas. — Ela não consegue esconder a sua incredulidade.

Ela é esperta, boa a calcular o tempo.

— Pois, a noite passada foi divertida e tal, mas eu tenho de me levantar para o treino. Gostei muito. Obrigado.

Ela arranca a almofada da minha cara, revelando uma mulher mal-humorada com o cabelo loiro todo desgrenhado e a maquilhagem esborratada. Sorrio ironicamente ao reconhecer um trabalho bem feito.

Os olhos dela lançam-me punhais, a condizer com o desprezo na sua cara.

— Tu és tão inacreditável como se diz por aí. És sempre assim tão parvalhão com as pessoas?

Pestanejo, sem pachorra para a atitude dela. Por falar nisso, mudou completamente em relação à noite passada. *Vá lá um gajo entender isto.*

— Ainda bem que a minha reputação me precede. Já ultrapassaste o tempo da tua estadia; certifica-te de que já te foste embora quando eu sair do duche.

Não vale a pena ficar na cama. Levanto-me com o badalo pendurado

e o rabo à mostra. Ela fica de boca aberta quando lhe fecho a porta na cara, pondo fim à nossa conversa. De qualquer maneira, normalmente todas elas já se foram embora quando eu saio.

Tomo um duche demorado para não voltar a ver a miúda loira. Amber, Aly, seja lá qual é o nome dela — caraças se eu sei, já que elas acabam por se confundir; são apenas fodas sem significado, uma atrás da outra. Agora que a temporada está outra vez a começar, já não volto a beber como ontem à noite. Tenho de estar concentrado e de manter os patrocinadores felizes. De qualquer forma, embebedar-me não é um hábito para mim porque tenho de me manter na minha melhor forma física.

Afinal de contas, sou um dos melhores da Fórmula 1, o que significa que tenho uma imagem a manter.

Para responder à pergunta da miúda, eu sou um parvalhão, estão a ver? Mas eu não o escondo exatamente. Pessoas como ela não dormem com pessoas como eu na esperança de que eu me aninhe com elas e lhes diga palavras doces depois de uma boa queca. Tenho dificuldade em perceber de onde vêm as mulheres como ela, que ficam todas danadas depois de uma boa trancada, chamando-me todo o tipo de palavrões. Não consigo evitar ser do tipo «fode-as e livra-te delas». Mas as mulheres sabem como isto funciona e fazem fila nos clubes noturnos, a babarem-se para cima dos meus sapatos *Gucci* por uma oportunidade de irem para casa comigo. Elas usam-me tanto quanto eu as uso a elas. Uma queca rápida e sem importância só para libertar a tensão.

E eu tenho muita tensão para libertar.

Há duas semanas, a Bandini contratou o Santiago Alatorre como segundo piloto. O meu rival é agora meu colega de equipa. Um cabrãozinho atrevido que gosta de meter o prego a fundo, e que se lixem as consequências.

Até posso respeitar o facto de ele conduzir bem, mas ainda tem muito que aprender sobre o desporto. Uma cabazada de lições que eu lhe vou ensinar de bom grado. Como quando se deve afastar, ou como pedir desculpa por um acidente quase fatal. Merdas dessas.

É inacreditável que a Bandini o tenha contratado, apesar da nossa história atribulada.

Por isso fiz o que qualquer pessoa razoável faria para passar o tempo durante as férias de inverno. Enchi os canecos ontem à noite, onde uma bebida se transformou em cinco, e agora cá estou eu, com mais uma miúda a chamar-me parvalhão. Há quem me considere atencioso. Certifico-me sempre de que elas se vêm várias vezes antes de mim, porque afinal a minha ama educou um cavalheiro, apesar dos pais que eu tive.

Mas não posso atribuir o meu péssimo humor a uma rapariga loira com uma atitude azeda. A minha raiva deve-se inteiramente ao novo contrato da Bandini com o Santiago. Agora vou ter de partilhar a minha equipa com um gajo de quem nem sequer gosto, com quem tenho uma rivalidade acesa desde que ele me bateu durante o Grande Prémio de Abu Dhabi. O meu carro ficou um destroço irreconhecível depois do acidente e foi para a sucata feito num oito. A minha derrota foi a vitória do Santiago. Ele ganhou um Campeonato do Mundo graças ao meu acidente. Duvido de que ele perca o sono por causa disso.

O Santiago é enganadoramente descontraído. Mesmo nessas situações de tensão, ele pensa de forma calculista sobre as manobras que faz no percurso, fazendo qualquer coisa para acabar no pódio. Um filho da puta com tomates.

Tenho pouco respeito por ele desde a nossa colisão, mas não lhe atiro as culpas, como dizem por aí. Na altura, sim. Mas depois de pensar bastante, cheguei à conclusão de que não foi ele que me custou o Campeonato do Mundo. Isso foi tudo culpa minha. A verdadeira razão para não o suportar é o facto de a sua imprudência quase me ter mandado para o hospital, uma memória que não se esquece facilmente.

Tenciono ser civilizado com ele, uma vez que temos de trabalhar como colegas de equipa. Não precisamos de comparar os tamanhos das gaitas para ver quem é o melhor, uma vez que a minha condução fala por si. Ele conseguiu vir para a minha equipa e vai mostrar as suas capacidades. O que significa que posso recostar-me e relaxar enquanto ele prova que merece o dinheiro que lhe pagaram este ano. Vai ser intrigante ver no que isto vai dar e quem tem o melhor desempenho. Acabaram-se as desculpas, porque uma pista em que todos estão em pé de igualdade significa que o melhor piloto é que vai vencer. E todos nós sabemos quem é.

O meu telemóvel toca em cima da cómoda. *Pai.*

Debato-me entre atender o telefone e deixá-lo ir parar ao *voice mail*. Decidindo-me pela segunda opção, afasto-me antes de o telemóvel voltar a tocar. O gajo é esperto e sabe que eu evito qualquer contacto com ele. Não querendo prolongar o inevitável, atendo a chamada.

— Pai. Como estás? — entalo o telemóvel entre o ombro e a orelha enquanto pego no meu saco de treino.

— Já li as notícias. A Bandini juntou aquele miúdo à equipa. No que é que eles estão a pensar? Ele ainda mal deu provas. — A sua voz áspera ressoa pelo pequeno altifalante, ignorando as amabilidades.

— Também tenho muito gosto em saber de ti. — As minhas palavras têm a mordacidade habitual, porque os genes da sacanice são de família.

— Deixa-te de merdas, Noah. Isto é sério, especialmente depois de ele já te ter lixado antes. Tens de te manter atento nesta temporada e não o deixares levar a melhor.

— Podemos esquecer o acidente, já que foi há uma eternidade. Não estou preocupado com um piloto que teve sorte uma vez. — Verifico se a miúda de há pouco se foi mesmo embora, sem querer voltar a encontrá-la. *A costa está livre.* Pego nas minhas chaves e fecho o meu apartamento do Mónaco.

— Eu não investi uma pipa de massa naquela empresa para eles andarem a brincar com a tua carreira. Se eles pensam que um miúdo vai receber os melhores recursos sem mostrar o seu valor... Vai ser uma asneira lamentável.

Esfrego os olhos.

— Podemos ver como ele se sai antes de te atirares a algum representante da Bandini. Duvido de que ele me volte a derrotar daquela maneira, porque aquilo foi um acaso. Um golpe de sorte, em que eu perdi o controlo.

— Podes crer que não volta. E tu não voltes a lixar tudo; não vais querer ceder à pressão quando estás no auge da tua carreira.

Obrigado pelo carinho, pai.

— Sim, esse sou eu. Falamos depois. Adeus. — Nem espero pela resposta dele antes de desligar.

O meu pai não consegue evitar ser um idiota, mas o público gosta dele, por isso ele guarda todos os seus ressentimentos acumulados para mim. Ele consegue o que quer, seja lá como for. As suas soluções para os problemas incluem dinheiro, ameaças e fazer valer a sua fama. O facto de eu ter atravessado o oceano Atlântico não nos distanciou o suficiente. Mesmo com uma diferença horária insana entre a Europa e a América, ele arranja maneira de me contactar.

Todas as corridas que ele agracia com a sua presença acabam por ser um inferno. Os fãs chamam-me realeza da Fórmula 1, um príncipe americano por causa do meu pai, o *fantástico* Nicholas Slade. Que ainda é considerado um dos maiores pilotos da história da Fórmula 1. Tenho a sorte de o ter a soprar-me ao ouvido tudo o que faço de errado ou o que posso melhorar. Sim, ele deu o pontapé de saída na minha carreira. Agradeço cada investimento que ele fez para me ajudar ao longo do caminho, mas conduzo carros todos os fins de semana, provando a ele e a toda a gente que eu também vou ser uma lenda. O mundo do automobilismo mudou muito desde que ele corria, há vinte anos. Os carros que eu conduzo atualmente arrasam qualquer chaço

que ele tenha conduzido, tornando o desporto naquilo que os fãs adoram hoje em dia. Um desporto com drama, altas velocidades e riscos intensos.

O meu telemóvel recebe uma nova mensagem.

Pai (24/12 10h29): Reservei o meu voo para Barcelona.

Feliz merda de Natal para ti também, pai.